

**A refeição eucarística sob os olhares
lotmaniano e da antropologia da comida**
**The Eucharistic meal from the perspective
of Iuri Lotman and food anthropology**

Danielle Lucy Bósio Frederico¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar propostas hermenêuticas utilizando como referenciais a metodologia de Iuri Lotman e a antropologia da comida. As duas metodologias se apresentam em diálogo, onde a proposta de Lotman nos auxiliará na identificação de semiosferas ou subsemiosferas bem como das transformações nas suas fronteiras. A antropologia da comida nos auxilia na observação de mensagens codificadas presentes nas dinâmicas em torno da mesa. Em diálogo com o contexto social da comunidade cristã em Corinto, liderada pelo apóstolo Paulo, apresentaremos algumas percepções advindas desse exercício hermenêutico, buscando novos olhares a partir da prática da refeição eucarística ali estabelecida.

PALAVRAS-CHAVE

Lotman. Refeição. Corinto. Eucaristia.

ABSTRACT

This paper presents a hermeneutical proposals using as reference the methodology of Iuri Lotman and the anthropology of food. The two methodologies are presented in dialogue, where Lotman's proposal assists us in the identification of semiospheres or subsemiospheres as well as of the transformations present in its borders. The anthropology of food

¹ Doutoranda do PPG em Ciências da Religião (UMESP), professora da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (FATEO), São Bernardo do Campo, SP.

helps us in observing codified messages present in the dynamics around the table. In dialogue with the social context of the Christian community at Corinth, led by the apostle Paul, we present some perceptions arising from this hermeneutic exercise, and seeking new perspectives from the practice of the Eucharistic meal established in Corinth.

KEYWORDS

Lotman. Meal. Corinth. Eucharist.

A refeição é um tema recorrente na literatura bíblica. Desde o relato da criação em Gênesis até o Apocalipse de João são apresentados vários espaços e textos que nos apresentam banquetes, reuniões ou encontros ao redor da mesa. Nela se encontram comidas especiais ou mágicas bem como também uma variedade de grupos no entorno que, ora participantes ou excluídos, estão relacionados ao assunto em questão. A mesa se apresenta como um lugar de polissemia, dialogismos e hibridismos.

Nas várias narrativas bíblicas observamos a comida como sinal de aliança, hospitalidade, cura, purificação e, também, como marca identitária, onde há alimentos específicos que sinalizam a pertença de um determinado grupo. As refeições podem indicar contaminação quando as regras pré-estabelecidas são quebradas ou ignoradas ao se comer algo que não se deveria.

A distinção entre grupos pode ser realizada através daquilo que se come e daquilo que não se come. A abstinência ou o jejum também se apresentam como mensagens e interditos utilizados na classificação de pessoas ou grupos, os quais podem ser utilizados na classificação, separação ou indicação de níveis de santidade ou pureza. Uma seleção de alimentos e bebidas podem estabelecer pertença, poder, exclusão, pobreza, até mesmo eternidade, dependendo do período, do contexto e do objetivo estabelecido por um grupo ou por um povo imerso em teologias próprias de seu tempo e/ou aquelas advindas de interações culturais.

Estes comportamentos auxiliam na identificação de variados grupos que quando observados no todo social se encontram divididos em dois polos desiguais e interdependentes: elite e população. Dois polos que podem ser caracterizados pelas peculiaridades no ato de comer ou

na gastronomia escolhida, no espaço e na companhia em que esse ato se desenvolve. Dennis Smith, ao falar sobre a ideologia do banquete, cita Mary Douglas, que diz:

Se comida é tratada como código, as mensagens codificadas serão encontradas no padrão de relações sociais que são expressos. A mensagem é sobre os diferentes graus de hierarquia, inclusão e exclusão, limites e transações através de limites. Como sexo, o falar de comida tem um componente tanto social quanto biológico².

A comida se apresenta como um “código social” que expressa os padrões de relação social que definem grupos e seus valores. Esses códigos são expressos através do que se come, como se come, quando se come e com quem se come. A alimentação de um povo dificilmente passa por grandes mudanças, o essencial sempre estará presente, pois marca a cultura e/ou o modo de ser daquele povo. Assim, há alimentos que servem como marcadores étnicos, os quais carregam em si a identidade de um povo. Tal fato pode ser desdobrado e/ou identificado em grupos específicos, os quais optam por alimentos que o identificam. Isso também pode acontecer através da abstenção de um alimento ou de um grupo alimentar específico. Tal distinção pode ser realizada ou estabelecida com vários fins, desde uma distinção social entre ricos e pobres, a categorização de puros e impuros, a identificação do que é honrado ou desonrado, etc.

O ato de partilhar uma refeição em comum realizada com convidados no mundo do primeiro século indicava o status desse grupo de pessoas e, conseqüentemente, a que estrato social esse grupo pertencia. Pessoas de estratos sociais diferentes ocupavam espaços diferentes e, conseqüentemente, se reuniam a mesa com pessoas de estratos similares, uma vez que a refeição dava acesso à casa e intimidade daquele que realizou o convite. Os comensais (convidados) eram aqueles que estavam à mesa com seus companheiros, com seus iguais. Tanto que, ao se transpor a soleira de uma casa, fronteira entre o público e o privado, o convidado assumia/aceitava as regras do outro, pois se tornava igual ao hospedeiro/anfitrião:

² DOUGLAS apud SMITH, Dennis E.; TAUSSING, Hal E. *Many Tables. The Eucharist in the New Testament and Liturgy Today*. West Broadway: Wipf and Sotck Publishers, 2001, p. 30.

Entrar nesse círculo é renunciar a se impor, dar prova de submissão e de obediência à sociedade (...) em particular, o convidado não pode recusar o que lhe é oferecido, a começar pelo alimento e bebida que, consumidos, marcam o nascimento de uma comunidade³.

Ao fazermos tal afirmação baseamo-nos no contexto do primeiro século, que é composto por um mosaico cultural, presente na formação dos cristianismos da bacia do mediterrâneo. Helmut Koester afirma: “O cristianismo não se desenvolveu como representante de apenas uma cultura e religião local antiga, a de Israel, por exemplo, mas como parte da cultura universal do mundo helenístico-romano”⁴.

1. A cidade de Corinto

A localização geográfica da cidade de Corinto era privilegiada. Situada em um Istmo, era utilizada como um entreposto comercial que atraía embarcações de todo o Mediterrâneo, fazendo com que houvesse um grande encontro transcultural e étnico, possibilitando inúmeras construções e/ou reconstruções, assimilações e/ou inovações, até mesmo a propagação de ideias, ideologias, religiosidades, teologias, etc. Corinto poderia ser identificada como uma cidade com muitos gostos e sabores, os quais, quando unidos, transformavam-se em novas proposições, pratos e códigos. De acordo com Maria Regina Cândido, as sociedades mediterrâneas utilizaram uma ampla rede de conectividade para simbolizar e perpetuar as relações socioculturais, comerciais e políticas entre os diversos segmentos sociais da Antiguidade⁵.

Quando observamos a cidade de Corinto do primeiro século, notamos que há uma cidade que foi reconstruída em 44 a.C. como uma

³ MONTANDON, Alan (Org). *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do Estrangeiro na História e nas Culturas*. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Ed. Senac, 2011, p. 33.

⁴ KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: 1. História, Cultura e Religião do Período Helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 14.

⁵ XIV Jornada de História Antiga. *Rede de Conectividade no Mediterrâneo Antigo*. UERJ/NEA, 2017.

“mini-Roma”, com a migração de 16 mil colonos enviados diretamente de Roma; a cidade possuía características similares e/ou bem parecidas com a sua matriz⁶. Mas não podemos esquecer de que a mesma cidade ocupava terras gregas, tendo sido antes de sua completa destruição pelo general romano Mumius⁷ uma das cidades-estados gregas de destaque. Por mais que houvesse a intenção de fazer dessa cidade uma colônia romana, traços específicos do local e de sua cultura se encontravam entrelaçados e/ou ressignificados na sociedade ali reorganizada. Apesar do “transplante” de pessoas para Corinto, aquele que é transplantado se adapta ao local; logo, pressupomos que há muitas reelaborações e incorporações realizadas pelos romanos da cultura grega, construindo novas semiosferas nas quais podemos observar uma cultura imbricada na outra.

Como há esses encontros, presente em todas as instâncias, faz-se necessário, vez por outra, elencarmos fatos da cultura grega a fim de identificarmos o que foi simplesmente assimilado pelos romanos, o que foi transformado e ainda o que foi agregado àquilo que já era conhecido e realizado, mas que agora receberia um “toque” romanizado. O Mediterrâneo do primeiro século se configura como um mundo conectado, com características globalizantes, sendo um desses itens a refeição ou o comer a mesa que, apesar de possuir diversas características, comporta uma estrutura básica unificadora.

2. O espaço da casa

Casas são construções poderosas e todos nós adaptamos nossas casas ajustando-as de acordo com o nosso gosto particular. Somente aqueles que possuem uma boa estrutura financeira podem “modelar” ou construir a sua casa como deseja. Esse fato não era diferente nos tempos romanos.

⁶ WALTERS, James. *Civic Identity in Roman Corinth and Its Impact in Early Christians*. In: : SHOWALTER, Daniel N.; FRIESEN, Steven J. *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approches*. Cambridge/Massachusetts: Harvard Theological Studies, 2005, p. 402.

⁷ SANDERS, G. D. R. *Urban Corinth: An Introduction*. In: SHOWALTER, Daniel N.; FRIESEN, Steven J. *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approches*. Cambridge/Massachusetts: Harvard Theological Studies, 2005, p. 22.

Na casa romana urbana ou um espaço preparado a partir dessa perspectiva havia um local específico para as refeições chamado *Triclinium*. O nome Triclínio procede dos três lados que se havia ao redor da mesa do jantar. Estes lados, sendo da direita para a esquerda, se chamavam *Summus*, *medius*, *imus* e cada um tinha lugar para três comensais que, precedendo na mesma ordem, se dizia: *locus summus* (o lugar alto), *locus medius* (lugar intermediário), *locus imus* (lugar mínimo).

O convidado que ocupava o número 1 de cada lado se dizia *summus* - alto, superior; *Medius* - médio, o de número 2, e *infra* - inferior, o de número 3. Estes se reclinavam sobre o braço esquerdo, o *summus* ficava a esquerda do *Medius*; o inferior, *infra* a sua direita. O lugar de maior honra era o *Medius* e se de cada lado havia três comensais o mais digno de cada um deles era o *medius*; depois, o *summus*. As mulheres geralmente comiam sentadas, assim como os jovens e os que estavam de luto. Em alguns jantares privados, as mulheres eram acomodadas no lugar de número 3.

Nos tempos de Augusto, começou-se a usar mesas redondas. Então, colocava-se à disposição um grande Triclínio circular, chamado *Stibadium e Sigma*. Neles se acomodavam cerca de 8 comensais, e a ordem de prestígio e/ou de status era diferente: o mais digno se assentava na extrema esquerda, o segundo na extrema direita, logo o 3, 4, 5, etc., de forma que o último ficava ao lado do primeiro.

2.1. Os escravos

Os escravos mais bonitos serviam as mesas, estando sempre bem vestidos e com boas maneiras. Os mais graciosos serviam o vinho, cortavam os manjares e os ofereciam aos convidados, vestidos de cores vivas e com seus cabelos cuidados e presos. Os escravos que retiravam os pratos cuidavam da limpeza das mesas e recolhiam o que os convidados tiravam do lugar eram menos bem cuidados e possuíam barba e a cabeça raspada. Apresentar um grande quadro de escravos era uma grande vaidade para o anfitrião. Cada convidado levava os seus escravos, que permaneciam sempre junto a ele, perto da parede, ou deitado aos seus pés, para prestar-lhe os serviços de que necessitasse, pois ao comer e beber em demasia costumavam ser bem desagradáveis.

2.2. O convite

Um bom convite tinha que ter quatro qualidades: que os convidados fossem pessoas amáveis e de boa criação (estrato social adequado); que o lugar fosse conveniente (dentro do que se esperava na época); que o tempo fosse oportuno; que a comida fosse cuidadosamente preparada⁸.

2.3. Os comensais ou convidados

Os convidados para um banquete eram recepcionados por um escravo, o qual após lavar os seus pés conduziam-nos ao ambiente em que a refeição seria servida, no *triclínio*, onde se reclinavam em grandes sofás, geralmente de três lugares cada um. A posição reclinada era marca de status. Para designar outras posturas na refeição, como o sentar-se enquanto outros reclinavam, era um indicador intencional de status menor. Na tradição grega somente homens livres poderiam reclinarem (quando mulheres e crianças estavam presentes, elas ficavam assentadas). No período romano havia uma variação dessa regra básica, por exemplo, mulheres respeitáveis eram conhecidas por reclinarem com seus homens. Reclinarem⁹ sempre indicava postura social. A mudança de postura no banquete nunca era algo trivial.

(...) Em Roma, como na Grécia, a prática de reclinarem para comer foi amplamente verticalizada através da sociedade, tanto que um costume originalmente aristocrático foi imitado pelos grupos sociais mais simples (baixo estrato). (...) Mas reclinarem nunca perde a conotação de status e luxo, a marca de uma ordem privilegiada de sociedade e de um comportamento aprendido e praticado. Ele foi indubitavelmente adotado no Império Romano, em regiões onde tal comportamento

⁸ GUILLEN, Jose. *Vrbs Roma. Vida y Costumbres de Los Romanos. II. La Vida Publica*. 2ª ed. Salamanca: Sígueme, 1980, p. 241-247.

⁹ Wilkins e Hill nos informam que essa pode ter sido uma prática Assíria – o comer reclinado as refeições – em qual Gregos, Etruscos e Romanos parecem ter importado do 7 ou 6 séculos aC em diante. Cf. WILKINS, John M.; HILL, Shaun. *Food in the Ancient World*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006, p. 5.

era anteriormente desconhecido, por membros da elite local a fim de exibir sua rápida inculturação; a ‘elegância dos banquetes’ estava presente nos costumes romanos...¹⁰.

Sendo assim, os convidados eram levados ao local específico onde deviam se reclinar, a fim de que o banquete fosse iniciado. Esse local, ocupado pelo convidado, sinalizava a sua posição e importância social dentre os demais convidados; não havia liberdade para se reclinar onde se desejasse. Se alguém assim procedesse, poderia correr o risco de ser envergonhado por algum convidado de estrato social mais alto que poderia reivindicar tal lugar. Os lugares e os seus respectivos níveis de prestígio e honra eram bem conhecidos por todos e até disputados pelos mesmos.

Mesmo tendo como objetivo o desenvolvimento da igualdade e da amizade entre os comensais, as diferenças sociais tendiam a existir mesmo entre iguais. A competição presente nesses encontros era evidente e uma das principais atividades durante o Simpósio era pagar tributo aos membros merecedores. Daí surgia dois problemas: um deles era que membros honrados tinham comida e bebida em quantidade e qualidade diferentes, bem como ocupavam lugares no Triclínio que demonstravam a sua importância, a qual era diferenciada dos outros pelo lugar em que tal pessoa era acomodada. Brigas por lugares não era algo incomum. Sendo assim, o simpósio repetia ou identificava as divisões sociais que existiam fora dele¹¹.

2.4. A refeição

A refeição e/ou banquete era composta por duas partes distintas chamadas de *Deipnon* e *Simpósio*¹². O *Deipnon* era a primeira parte do banquete, no qual a refeição era servida. Após esse momento, havia a libação

¹⁰ DUNBABIN, Katherine M. D. *The Roman Banquet. Images of Conviviality*. Cambridge: University Press, 2003, p. 13.

¹¹ SMITH, Dennis E.; TAUSSING, Hal E. *Many Tables. The Eucharist in the New Testament and Liturgy Today*. West Broadway: Wipf and Sotck Publishers, 2001.

¹² Optamos aqui pela nomenclatura grega. O equivalente romano seria respectivamente: *Cena* e *Convivium*.

com vinho puro, realizada pelo simposiarca ou pelo anfitrião. Esse momento era seguido por uma oração ou um hino feito em uníssono pelos presentes e acompanhada por uma flautista. O acompanhamento musical servia à função ritual de salvaguardar a própria recitação, bem como a eficácia da oração realizada. Em seguida, iniciava o *Simpósio*, que era a parte das bebidas. É importante destacar que no *Deipnon* (refeição) não havia consumo de bebida e no *Simpósio* não havia comida; eram partes distintas de uma mesma refeição e/ou banquete.

3. A dinâmica da casa na comunidade cristã em Corinto

Como visto anteriormente, uma casa tipicamente romana era constituída de várias partes, dentre as quais o *Triclinium*, isto é, sala de jantar ou local das refeições, que acomodava aproximadamente de nove a onze¹³ pessoas que se reclinavam em sofás dispostos ao redor da sala enquanto se alimentavam. Outro importante espaço da casa era o Átrio, que poderia comportar até cinquenta pessoas. Como a refeição sagrada ou Eucaristia era realizada nas casas, dependendo do número de participantes, provavelmente alguns ficavam no *Triclinium* e outros no Átrio. Jerome Murphy O'Connor¹⁴ afirma que a comunidade cristã em Corinto deveria contar com aproximadamente quarenta a cinquenta membros; uma grande parte dos fiéis ficaria acomodada do lado de fora do *Triclinium*, no Átrio, onde, provavelmente, permaneceriam de pé ou assentados no chão.

O hospedeiro organizaria os fiéis em duas categorias: os fiéis de primeira classe que seriam convidados para o *Triclinium* enquanto o restante ficaria do lado de fora. Os amigos mais íntimos e de melhor estrato social provavelmente seriam convidados para o *Triclinium*, pois eram da mesma classe social e de quem o anfitrião esperava a mesma cortesia

¹³ O número de comensais dispostos no triclínio pode variar de acordo com a fonte pesquisada. O importante é observar o número restrito de participantes. É consenso entre os pesquisadores que esse número nunca ultrapassa 12 pessoas.

¹⁴ O'CONNOR MURPHY, Jerome. *St. Paul's Corinth*. Texts and Archaeology. Third Revised and Expanded Edition. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 2002, p. 78-185.

em uma ocasião futura. O restante das pessoas ficaria no Átrio, onde as condições eram geralmente inferiores, pois além de forçados a permanecerem de pé ou assentados no chão, por conta do *compluvium* (abertura no teto que facilitava a circulação interna de ar), poderiam ficar expostos ao frio.

Acomodados nos espaços da casa, o grupo do *Triclinium* receberia a melhor comida e o grupo do Átrio um tipo de comida inferior. Os presentes no *Triclinium* seriam honrados; os presentes no Átrio, envergonhados. Tal separação indica a estrutura de honra e vergonha também presente no mundo do primeiro século, bem como a presença marcante da estrutura social do patronato e clientelismo, a qual era organizada a partir de uma relação de troca de favores entre aqueles que poderiam proporcionar algum benefício.

A pesquisadora Rachel McRae, em seu artigo *Eating with Honor: The Corinthian Lord's Supper in Light of Voluntary Association Meal Practices*¹⁵, menciona Peter Lampe, que sugere que os coríntios ricos participavam da “Primeira Mesa” que atendia a desocupada elite, e que as pessoas pobres chegavam mais tarde para a “Segunda Mesa”, que era o Symposium, e recebiam porções menores de sobremesa, frutas ou talvez pratos picantes, frutos do mar e pão. Para Rachel M. McRae, a divisão presente na comunidade de Corinto se dá a partir dos códigos de honra e vergonha, os quais estavam presentes na distinção social. O código de honra e vergonha normatizava a região mediterrânea e, portanto, estaria presente no ajuntamento para a celebração do Ceia do Senhor. Desta forma, os participantes estariam separados por causa dessa estrutura e não somente por serem ricos ou pobres, uma vez que haveria poucos ricos na comunidade de Corinto¹⁶.

A estratificação social, aliada à questão da honra e da vergonha, trazia um nível de competição interna e/ou como nos diz Bruce Malina, ao aplicar a abordagem socioantropológica de Modelos de Grupos de Mary Douglas, o grupo cristão de Corinto constitui-se num grupo fraco,

¹⁵ McRAE, Rachel M. “Eating with Honor: The Corinthian Lord's Supper in Light of Voluntary Association Meal Practices”. *JBL*, vol. 130, n.º 1, p. 167.

¹⁶ McRAE, Rachel M. *Eating with Honor: The Corinthian Lord's Supper in Light of Voluntary Association Meal Practices*. Source: *Journal of Biblical Literature*, Vol. 130, No. 1 (SPRING 2011), p. 167-168.

caracterizado por individualismo e superficialidade¹⁷, que demonstrava dificuldades na identificação de limites/fronteiras. James Walter, pesquisador que sinaliza a aplicação realizada por Bruce Malina do modelo de Douglas, elenca o fato de que na narrativa paulina a retórica utilizada: “quem estava em” e “os que estavam fora” demonstra falta de clareza sobre “quem se é” e “a que grupo se pertence”. Malina ainda afirma que os indivíduos presentes nesse grupo tendem a dar parecer favorável as normas e valores da sociedade ao redor. Essa falta de clareza identitária levava, conseqüentemente, a diversos níveis de compromisso e diferentes tipos de aliança, tornando o conflito perceptível e inevitável.

3.1. O que está acontecendo na comunidade cristã de Corinto

Ao observarmos o bloco presente na carta de 1Cor 11,17- 34, podemos perceber que a reunião comunitária não estava produzindo bons resultados, pois logo no primeiro versículo o apóstolo sinaliza que: “não vos louvo, porquanto vos ajuntais não para melhor, e sim para pior” (1 Cor 11,17). Ainda, no versículo 20 do mesmo capítulo: “quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis”. Sob o mesmo tom seguem os versículos 21 e 22, havendo uma quebra para a instituição do ritual da ceia nos versículos 23-25; os versículos 33-34a indicam como os fiéis deveriam portar-se a mesa: “assim, pois, irmãos meus, quando vos reunis para comer, esperai uns pelos outros. Se alguém tem fome, coma em casa, a fim de não vos reunirdes para juízo”.

A refeição comunitária que deveria trazer unidade e proporcionar alimento aos fiéis criava uma série de dificuldades, que podem ser entendidas como expressão das estruturas sociais que os fiéis estavam envolvidos. No bloco de 1Cor 11,17-34 percebemos a relação de honra e desonra bem como a estrutura de patronato e clientelismo presentes de modo marcante; pois, ao se reunirem para a realização dessa refeição, momento em que também aconteceria o ritual da ceia; a divisão

¹⁷ WALTERS, James. *Civic Identity in Roman Corinth and Its Impact in Early Christians*. In: SHOWALTER, Daniel N.; FRIESEN, Steven J. *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approches*. Cambridge/Massachusetts: Harvard Theological Studies, 2005, p. 412.

igualitária de alimento e bebida, bem como o assentar-se em um mesmo espaço não estavam sendo observados. Os fiéis que eram convidados a se reclinarem no triclínio estariam gozando de uma melhor qualidade de alimento, bebida e conseqüentemente da atenção do dono da casa, provavelmente uma *domus romana*, local em que o número de pessoas não deveria ultrapassar de 09 a 12 pessoas. Sendo assim, a outra parte da comunidade, ficaria acomodada no Átrio, local aberto na *domus*, localizado logo após a entrada. Nesse ambiente não havia mesas e nem local para se reclinar ou mesmo se acomodar. Geralmente, os que ali ficavam, permaneceriam de pé ou se assentariam no chão; bem como receberiam alimento e bebida de menor qualidade, se é que conseguiriam comer, pois no relato bíblico, o apóstolo Paulo diz que: “porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague” (1Cor 11,21). O’Connor nos diz que aqueles que trabalhavam ao chegarem para a reunião da comunidade encontrariam apenas as sobras da refeição realizada, uma vez que havia pessoas que não tinham uma rotina fixa de trabalho e conseqüentemente chegavam mais cedo.

A má distribuição do alimento ocorrida durante a reunião da comunidade cristã em Corinto nos indica como a comunidade ainda se portava nos padrões estabelecidos fora dela mesma, em que as relações eram construídas ou estabelecidas na busca de auto favorecimento e honra pessoais. O espaço da refeição, o qual além de ser um lugar onde todos os fiéis teriam a oportunidade de se alimentar – fato de extrema importância em um contexto de falta de alimento e fome, peculiares no primeiro século; aqueles que detinham um melhor status buscava e/ou se movia dentre os mesmos valores extracomunitários. No decorrer do texto supracitado, podemos ainda notar algumas características presentes na comunidade de Corinto, elencadas pelo apóstolo tais como: fraqueza, doença, sono, juízo e condenação.

4. Os olhares lotmaniano e da antropologia da comida

A refeição agrega vários significados, os quais podem ser observados na primeira carta aos Coríntios, onde a mesa ganha contornos e

valores dos mais variados, os quais, ao passar, segundo a concepção lotmaniana, pelos filtros tradutores, recebem novas construções e/ou enfoques. Há a presença de novas traduções e novos conceitos, como diz Nogueira: “Nesse processo de tradução, no qual o intraduzível é de alguma forma traduzido, ainda que com resíduos de intraduzibilidade, novos textos são criados em ritmo acelerado e novas posições são tomadas no conjunto da semiosfera”¹⁸.

Ao falarmos sobre semiosfera estamos nos valendo do conceito elaborado por Iuri Lotman que indica um conjunto de significados forjados dentro de um tempo determinado. Esse conjunto é formado e estabelecido dentro de uma sociedade ou de grupos. Quando esse conjunto (essa semiosfera) se encontra com outras semiosferas¹⁹, são formadas as chamadas subsemiosferas, i.e., entendimentos ou o conjunto de significados provenientes de uma matriz. A questão é que, ao se encontrarem, o resultado, a chamada subsemiosfera, não é o somatório das partes, mas sim algo novo; dadas as transformações internas decorrentes na formação da mesma²⁰.

Ao aplicarmos esse conceito em textos bíblicos, percebemos que no encontro de semiosferas, como, por exemplo, da cultura romana com a comunidade cristã de Corinto, surgiram novas elaborações ou subsemiosferas, todas concatenadas, mas ao mesmo tempo independentes. Também nos valem de um dos conceitos de Lotman sobre o texto, onde o mesmo é entendido como uma unidade de informação. Nesse sentido, uma imagem, um ritual, que é o nosso caso em questão, podem ser entendidos como textos; assim identificados como informação no sistema da cultura.

Partindo do pressuposto de que as fronteiras²¹ não são fixas, mas fluídas, o significado de uma refeição no mundo antigo pode receber

¹⁸ NOGUEIRA, Paulo A. Souza. *Traduções do intraduzível: semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera*, Revista Estudos de Religião, v.29, n.1, jan-jun. 2015, p. 102-123.

¹⁹ Daí dizer-se que as fronteiras são fluídas, pois elas se encontram formando outras subsemiosferas. Suas bordas são mais suscetíveis às transformações e mudanças.

²⁰ Cf. LOTMAN, Iuri M. *La Semiosfera: Semiótica de la cultura y del texto*. Vol. I. Valência, Frónnesis Cátedra Universitat de València, Madrid: Ed. Cátedra, 1996, p. 11-26.

²¹ Fronteiras fluídas indicam trocas culturais constantes e conseqüentemente novas elaborações e construções em variadas áreas e campos, tanto do saber como das ações práticas.

intermináveis classificações ou, como nos diz Nogueira, citando Lotman: “(...) ser traduzida e transformada várias vezes, transformando-se o processo de geração de novos textos numa bola de neve”²². Esse processo também é encontrado na fronteira da semiosfera, possuindo uma característica de rapidez, de dinamismo, razão porque Lotman afirma: “há um domínio de processos semióticos acelerados que sempre acontecem mais ativamente na periferia da *oikumene* cultural”²³.

A refeição, portanto, se mostra como um elemento agregador, delimitador ou identitário presente nas diversas culturas, independente da época e das construções semióticas propostas. Seu caráter é polissêmico e híbrido uma vez que a fronteira é bilíngue e poliglota²⁴. A prática da refeição comunitária ou do banquete também estava presente na pequena comunidade cristã de Corinto. Os fiéis se reuniam nas casas²⁵ em torno de uma refeição sagrada. As reuniões aconteciam nas casas, pois como o cristianismo não era reconhecido como uma religião oficial, não possuía um local público para as suas reuniões como as demais divindades reconhecidas da cidade²⁶.

O ato de comer não era apenas uma ação em comum realizada com conhecidos e/ou convidados, mas indicava o status social de um grupo de pessoas ou de um grupo. As pessoas presentes na refeição em uma casa indicavam, com afirma Crossan, miniaturas das regras de associação e socialização; na classificação lotmaniana, uma semiosfera ou um conjunto delas, bem como a produção de inúmeros textos, uma vez que no espaço da casa romana haviam pessoas de estratos sociais diferentes que ocupavam e/ou permaneciam em espaços distintos, criando sistemas semióticos de vários níveis²⁷.

²² NOGUEIRA, 2015, p. 106.

²³ LOTMAN, 1996, p. 15.

²⁴ Seguimos utilizando as categorias Lotmanianas em que no encontro das semiosferas, em que cada uma detém uma forma de linguagem e de expressão; ao se encontrarem com outras semiosferas, isto é, com novos grupos, novas formas de saber, culturas, etc; a diversidade e/ou as formas de comunicação são variadas – bilíngue ou poliglota.

²⁵ A casa (*oikos*) e a família incluía o dono da casa, sua mulher, filhos, pais idosos, parentes solteiros e também servos e escravos. Cf. KOESTER, 2005, p. 68.

²⁶ O’CONNOR MURPHY, Jerome. *St. Paul’s Corinth. Texts and Archaeology*. Third Revised and Expanded Edition. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press. 2002, p. 178.

²⁷ LOTMANN, 2000, p. 138.

O grupo de pessoas presente a essa refeição identificava a hierarquia social e as estruturas política e econômica presentes em uma sociedade. O compartilhar de uma refeição marca também as relações sociais existentes e o grupo a que se pertence. Logo, havia obrigações implícitas aos presentes, as quais através da dinâmica do clientelismo estavam envolvidos numa rede social de reciprocidade e obrigações. O ato de comer servia como mediação para o status social e o poder, bem como exprimia os limites de identidade do grupo²⁸.

Observar o local em que uma refeição acontecia, os convidados presentes, o tipo de refeição servida, além de indicativos das características peculiares da identidade de um grupo constitui-se em um mapa a ser seguido. As conexões sociais, o poder pessoal adquirido através do nascimento ou da riqueza se constituíam em atributos de importância e honra presentes de modo marcante nessa sociedade. Tais características estavam presentes na comunidade cristã em Corinto e, conseqüentemente, na refeição eucarística e/ou Ceia do Senhor.

Gerd Theissen²⁹ afirma que na comunidade cristã de Corinto havia pessoas de diferentes estratos sociais. Ele parte do texto de 1Cor 1,26, no qual o apóstolo Paulo afirma que poucas pessoas da comunidade eram sábias, poderosas e de nobre nascimento. Parece que essas pessoas dominavam e contrastavam com a maioria dos membros de estrato inferior presentes na comunidade. Assim, tal como na sociedade romana havia uma estratificação social, que gerava vários conflitos, pois a dinâmica do patronato e clientelismo, sob a qual a sociedade romana estava estabelecida, fazia-se presente na comunidade cristã. Ao observarmos tal fato na perspectiva de Lotman, constatamos a presença de semiosferas com fronteiras interseccionadas de diferentes níveis dentro da comunidade em Corinto, o que resultaria em inúmeros textos e conseqüente dificuldade de interação e unidade do grupo³⁰. A partir desse olhar ou classificação, a comunidade cristã que Paulo lidera possuía vários tipos de linguagens ou mesmo idiomas. Para entendê-los e/ou traduzi-los é

²⁸ CROSSAN, John Dominic. *Jesus: uma biografia revolucionária*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 82.

²⁹ THEISSEN, 1982, p. 146.

³⁰ LOTMANN, 2000, p. 138.

necessário conhecer as semiosferas bem como as traduções ocorridas em suas fronteiras. Tal fato nos revela a dificuldade enfrentada pelo mesmo quando orienta o grupo.

Theissen ainda diz que essa comunidade, tal como as congregações helênicas do cristianismo primitivo, não seguia os padrões das associações da época, composta somente por grupos socialmente homogêneos. Sendo assim, as associações religiosas eram desafiadas a equilibrar diferentes expectativas, interesses e entendimentos próprios presente em cada classe e/ou grupo social, dada a sua heterogeneidade.

Esse estudioso ainda afirma que o conflito existente em Corinto era entre ricos e pobres, os quais provavelmente ocupavam espaços diferentes quando reunidos para a celebração da Eucaristia/Ceia do Senhor. Os cristãos presentes nesse grupo celebravam Eucaristias ou Ceias diferentes, dado os vários grupos, fronteiras e semiosferas existentes, onde cada grupo detinha práticas próprias, tais como o pequeno grupo de pessoas de estrato superior com suas práticas excludentes³¹.

Steve Friesen³² propõe o inverso de Theissen. Ele afirma que as pessoas que compunham o grupo cristão de Corinto faziam parte do mesmo estrato social, uma vez que a maior parte da população era pobre. Ao afirmar isso, a distinção e/ou conflito se daria entre pessoas do mesmo estrato que possuíam algumas pequenas distinções. Tal leitura se torna bastante relevante, pois dentro do pressuposto lotmaniano identificamos a presença de subsemiosferas dentro da comunidade cristã de Corinto, o que dificulta ainda mais o diálogo entre os grupos.

No artigo intitulado “Estratificação Social em Corinto: Debates Recentes”³³ são apresentadas pesquisas e discussões em torno da estratificação social em Corinto de vários pesquisadores. A proposta que prevalece é a de Gerd Theissen, que defende que há uma estruturação social interna na cidade, a qual não seria acidental, mas o resultado da estrutura presente na sociedade romana. Segundo Theissen, a comunidade era

³¹ THEISSEN, 1982, p. 147-151.

³² FRIESEN, Steven J. *Prospects for a Demography of the Pauline Mission: Corinth among the Churches*. In: *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approaches*. Cambridge/Massachusetts: Harvard Theological Studies, 2005, p. 351-370.

³³ VVAA. *Estratificação Social em Corinto: Debates Recentes*. Oracula, São Bernardo do Campo, 3.5, 2007, p. 118-140.

formada por um grande número de pessoas de estrato inferior e um pequeno número de pessoas oriundas de estrato superior, sendo esta uma característica presente nas comunidades cristãs de origem helenística. Para isso, ele se utiliza de 1Cor 1,26-29, um texto que nos dá uma ideia de como Paulo concebia a comunidade:

Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar os fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.

É interessante como a partir do conceito de texto de Lotman a informação acima pode ser vista tanto como a transmissão de uma informação, a produção de um novo texto ou uma forma de preservar uma informação por meio da memória. Ao lermos o texto estamos em outra época, em outro tempo. Ao lermos o texto, já não temos o mesmo texto, mas um novo texto construído, uma nova mensagem que será traduzida a partir das culturas em que estamos envolvidos. A polissemia está presente e o texto se torna sincrético, pois no mínimo, poderá ser duplamente decodificado, na língua natural e também na língua da cultura³⁴.

Concordamos com Theissen, em que o conflito existente na comunidade de Corinto em torno da mesa do Senhor e/ou da Santa Ceia se dá entre dois grupos de estratos sociais diferentes. Essa tese encontra eco quando observamos os compartimentos de uma casa tipicamente romana, a qual era constituída de várias partes, dentre as quais o *triclinium* – sala de jantar, que acomodava aproximadamente de nove a onze pessoas que se reclinavam em sofás dispostos ao redor da sala enquanto se alimentavam – e o *Átrio* - que poderia comportar até cinquenta pessoas³⁵.

³⁴ NOGUEIRA, Paulo A. Souza. “Heremênutica da Recepção: Textos Bíblicos nas Fronteiras da Cultura e no Longo Tempo”. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 42, jan./jun. 2012, p. 7-8.

³⁵ O’CONNOR MURPHY, Jerome, 2002, p. 182.

Quando citamos as partes de uma casa romana, relembramos o fato já mencionado de que isso se dá pelo fato da cidade de Corinto pode ser identificada como uma “mini-Roma”, sendo idêntica à sua matriz colonizadora. Já dentro do conceito Lotmaniano de Semiosfera, a cidade de Corinto seria outra cidade e não a cópia da metrópole romana, pois os moradores, os conceitos, a estrutura social mesmo sendo a mesma já seria outra. Desta forma, quando a comunidade cristã se reunia para realizar a Eucaristia/Ceia do Senhor bem como a refeição, os membros da comunidade ficavam em espaços diferentes, em semiosferas diferentes, portanto, em mundos diferentes. Alguns poucos ficavam no *triclinium* e a grande maioria no átrio, espaços totalmente diferentes no que tange ao conforto, reconhecimento social, proximidade e tipo de refeição servida. Tais distinções e separações evidenciam as divisões e conflitos presentes na comunidade. John Dominic Crossan³⁶, ao falar sobre a comensalidade, menciona Gillian Feeley-Harnik, que afirma que a comida era uma das principais maneiras de marcar as diferenças existentes entre os diversos grupos sociais. Lee Edward Klosinski entende que o partilhar a refeição desenvolve um relacionamento de obrigações mútuas, onde há constantes trocas. Nesse sentido, a refeição é utilizada para definir as fronteiras entre os grupos e estabelecer uma co-dependência em uma rede de reciprocidade, mutualidade e obrigações, exprimindo sentimentos e relações.

Conclusão

Ao aplicarmos a proposta de Iuri Lotman ao contexto social da comunidade cristã de Corinto percebemos com maior propriedade os conflitos existentes a partir da identificação de culturas e/ou semiosferas e subsemiosferas que tornam difíceis a comunicação intracomunitária, fato percebido no bloco de 1Cor 11, 17-34. A comunidade pode até aparentar certa unidade, mas, de fato, constituía-se de um mini-mosaico cultural composto de pessoas de estratos sociais diferentes, as quais se apresentam

³⁶ CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico. A Vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 378-379.

com linguagens/idiomas, entendimentos e percepções completamente díspares. Essas diferenças se encontram caracterizadas na reunião em torno da mesa, nos possíveis lugares em que os participantes eram acolhidos e nos diferentes tipos de refeição que sinalizam as diferenças intracomunitárias da comunidade em Corinto.

A antropologia da comida nos oferece uma melhor percepção do que acontecia nos espaços da refeição, da distinção e/ou distância entre os convidados que participavam de uma refeição. Toda uma estrutura envolta no ato de comer pode enunciar novas propostas hermenêuticas, as quais podem auxiliar na construção de novos olhares com relação as dificuldades vivenciadas pelo apóstolo Paulo no desenvolvimento de seu ministério junto a essa comunidade, na qual ele foi desafiado a se tornar um poliglota ou um tradutor dos ensinamentos cristãos a esse grupo de pessoas. Essa ajuda pode ser estendida na compreensão dos dilemas e dificuldades intracomunitários vivenciados por essa comunidade cristã localizada na bacia do mediterrâneo e que, por possuir uma posição privilegiada, evidencia uma pluralidade cultural e uma construção de semiosferas e intersecções múltiplas. Uma leitura interdisciplinar do texto, onde outras áreas do conhecimento podem e devem auxiliar nesta tarefa hermenêutica, podem proporcionar descobertas e percepções que podem enriquecer e a desafiar-nos na busca por novos olhares sobre o texto bíblico.

Referências

- CROSSAN, John Dominic. *Jesus: uma biografia revolucionaria*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- DUNBABIN, Katherine M. D. *The Roman Banquet. Images of Conviviality*. Cambridge: University Press, 2003.
- ELLIS, Simon P. *Roman Housing*. London: Duck Worth, 2000.
- FRIESEN, Steven J. *Prospects for a Demography of the Pauline Mission: Corinth among the Churches*. In: *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approches*. Cambridge/Massachusetts: Harvard Theological Studies, 2005.
- GUILLEN, Jose. *Vrbs Roma. Vida y Costumbres de Los Romanos. II. La Vida Publica*. 2 edição. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1980.

- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: 1. História, Cultura e Religião do Período Helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005.
- LOTMAN, Iuri M. *La Semiosfera: Semiótica de la cultura y del texto*. Vol. I. Valência, Frónnesis Cátedra Universitat de València, Madrid: Ed. Cátedra, 1996.
- McRAE, Rachel M. "Eating with Honor: The Corinthian Lord's Supper in Light of Voluntary Association Meal Practices". *JBL*, vol. 130, nº 1, 2011, p. 165-181.
- MONTANDON, Alan (Org). *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do Estrangeiro na História e nas Culturas*. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Ed. Senac, 2011.
- NOGUEIRA, Paulo A. Souza. *Seminário Interdisciplinar do Doutorado em Ciências da Religião*. UMESP-SBC. 2º semestre de 2015 – 19/08/2015.
- _____. "Hermenêutica da Recepção: Textos Bíblicos nas Fronteiras da Cultura e no Longo Tempo". *Estudos de Religião*, v. 26, n. 42, jan./jun. 2012, p. 15-31.
- _____. *Traduções do intraduzível: semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera*, Revista Estudos de Religião, v. 29, n.1., jan-jun. 2015, p. 102-123.
- O'CONNOR MURPHY, Jerome. *St. Paul's Corinth*. Texts and Archaeology. Third Revised and Expanded Edition. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 2002.
- SANDERS, G. D. R. *Urban Corinth: An Introduction*. In: SHOWALTER, Daniel N.; FRIESEN, Steven J. *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approches*. Cambridge/Massachusetts: Harvard Theological Studies, 2005.
- SMITH, Dennis E.; TAUSSING, Hal E. *Many Tables. The Eucharist in the New Testament and Liturgy Today*. West Broadway: Wipf and Sotck Publishers, 2001.
- SMITH, Dennis E.; TAUSSIG, Hal. *Meals in the Early Christian World. Social Formation, Experimentation and Conflict at the Table*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.
- THEISSEN, Gerd. *The Social Setting of Pauline Christianity*. Philadelphia: Fortpress Press, 1982.

- VVAA. *Estratificação Social em Corinto: Debates Recentes*. *Oracula*, São Bernardo do Campo, 3.5, 2007, p. 118-140.
- WALTERS, James. *Civic Identity in Roman Corinth and Its Impact in Early Christians*. In: SHOWALTER, Daniel N.; FRIESEN, Steven J. *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approches*. Cambridge/Massachusets: Harvard Theological Studies, 2005.
- WILKINS, John M.; HILL, Shaun. *Food in the Ancient World*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.